



**PROLIFERAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS: SOBRE MANEIRAS DE PENSAR E  
ESCREVER**

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves  
Evandro dos Santos Nunes  
Everson Amaral  
Fernanda Ramires da Silva  
Leani Silveira  
Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer  
Pedro Bersch Cruz

**RESUMO**

*Reunimos neste texto alguns aspectos do percurso de uma operação investigativa que denominamos cartográfica. O objetivo deste é registrar o movimento de pesquisa-escrita-pensamento no qual estamos implicados. Tal operação está sendo desenvolvida na pesquisa financiada pelo Ministério do Esporte e vinculada ao Núcleo FURG da Rede CEDES: “Projetos Sociais Esportivos e a produção de uma Política Pública de Esporte”. Nesta pesquisa analisamos a proliferação de projetos sociais de esportes em funcionamento na cidade do Rio Grande nos anos 2010 e 2011 e suas relações com a produção de políticas públicas de esporte e lazer. Inicialmente apresentamos a proliferação destes projetos na cidade como acontecimento e em seguida a escolha do caminho investigativo pela cartografia rizomática. Do processo de cartografar destacamos a produção de algumas linhas de intensidade. Como consequência da operação cartográfica decidimos operar com o ensaio do pensamento e da escrita sobre cada uma destas linhas tomando-as como linhas de intensidade que compõem o mapeamento. Logo, aqui não apresentaremos os ensaios (em elaboração), mas os movimentos que operamos desde a construção dos objetivos da pesquisa até a decisão de operar o modo de pensar e escrever ensaístico sobre o problema.*

**Palavras-chave:** *Projetos Sociais Esportivos – Cartografia – Ensaio – Políticas Públicas*

**ABSTRACT**

*We gather in this paper some aspects of an investigative operation that we call cartography. The objective is to register the movement of research-writing-thinking in which we are involved. This operation is being developed in research funded by the Sports Ministry and affiliated to the Group FURG CEDES: "Sports Social Projects: production of a Public Politics of Sports." In this research we analyzed the proliferation of social sports projects in operation in Rio Grande city by the years of 2010 and 2011 and their relationship to the production of public politics on sport and leisure. First of all we would like to present the proliferation of such projects in the city as an event and then the choice of investigative research by rizomatic cartography. The cartography process highlighted some intensity lines. As a result of the operation we decided to operate with the cartographic essay of thinking and writing about each of*



*these lines using them as lines of intensity that make a map. We will not present now the essays (under construction), but the movements that operate from the construction of the research objectives to the decision to operate on the essay as a way of thinking and writing about the problem.*

**Keywords:** *Sports Social Projects – Cartography – Essay – Public Policies.*

## **RESUMEN**

*Reunimos en este texto algunos aspectos del recorrido de una operación investigativa que nombramos cartográfica. El objetivo de este es registrar el movimiento de pesquisa-escrita-pensamiento en lo cual estamos implicados. Tal operación está siendo desarrollada en la pesquisa financiada por el Ministerio de deportes y vinculada al Núcleo FURG de la Red CEDES: “Proyectos Sociales Deportivos y la producción de una Política Pública de Deporte”. En esta pesquisa analizamos la proliferación de proyectos sociales de deportes en operación en la ciudad de Rio Grande-RS en los años de 2010 y 2011 y sus relaciones con la producción de políticas públicas de deporte y solaz (ocio). Inicialmente presentamos la proliferación de estos proyectos en la ciudad como un hecho, y luego a seguir la elección del camino investigativo por la cartografía rizomática. Del proceso de cartografía señalamos algunas líneas de intensidad. Como resultado de la operación cartográfica decidimos operar con el ensayo del pensamiento y de la escrita sobre cada una de estas líneas las tomando como líneas de intensidad que componen un mapeamento. Luego no presentaremos los ensayos( en elaboración), pero sí los movimientos que operamos desde la construcción de los objetivos de la pesquisa hasta la decisión sobre operar el ensayo como modo de pensar y escribir el problema.*

**Palabras clave:** *Proyectos Sociales Deportivos – Cartografía – Ensayo – Política Pública*

Projetos sociais esportivos (PSE) em Rio Grande: o que há de problema nisto?

Rio Grande, além de ser a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, caracteriza-se por possuir um dos grandes patrimônios históricos gaúchos e sediar o único porto marítimo do estado, o qual recebe e envia cargas para vários estados brasileiros e outros países. A economia da cidade sempre foi muito dependente da indústria pesqueira, a qual, no momento, diminuiu consideravelmente o número de fábricas destinadas à manufatura do pescado. Este processo, aliado a outros, acabou levando a um declínio da sustentabilidade econômica da cidade, que tem uma população de aproximadamente duzentos mil habitantes e sofre inúmeras dificuldades que se manifestam em diversas áreas, tais como educação, transporte, lazer, além dos números alarmantes de drogadição e criminalidade.

Constatando a dificuldade de acesso a direitos básicos enfrentados pela população riograndina, o governo federal lançou uma política de recuperação da economia da cidade, aproveitando o porto marítimo e criando um pólo naval para construção de plataformas petrolíferas. Em meio a este cenário ganha força o aparecimento de políticas públicas que visam o incentivo de empresas, comerciantes e



indivíduos a investirem na área social e, com isso, ganham força os projetos sociais, principalmente, os de esportes.

Neste sentido, este texto tem a intenção de evidenciar e problematizar a implicação entre o acontecimento da proliferação dos PSE e a formulação de uma política pública municipal de esporte e lazer de uma cidade, além de destacar vários outros pontos que chamaram nossa atenção, através do mapeamento realizado pela pesquisa denominada “Projetos Sociais Esportivos e a Produção de uma Política Pública de Esporte”, realizada durante os anos de 2009 a 2011. Visando trabalhar com tais questões, o estudo operou com o que denominamos cartografia rizomática para analisar as informações coletadas, construindo relações entre os projetos e as características importantes para a discussão sobre o tema. Essas relações foram chamadas de linhas de intensidade e sobre as quais voltamos o olhar para a obtenção de uma visão mais ampla sobre o fenômeno da proliferação dos PSE na cidade.

A partir desse contexto, foram identificados e analisados vinte e seis (26) projetos<sup>1</sup> que atuam em diversos bairros da cidade, sendo que na maioria as propostas e objetivos são voltados para os considerados “vulneráveis sociais” e tem a intenção de educar, principalmente, crianças e adolescentes, através do esporte. Traz-se, então, o constante discurso do esporte como fenômeno social, que garante o afastamento dessas crianças e adolescentes da criminalidade e drogadição, visando ocupar o tempo livre, a partir das possibilidades ditas como pedagógicas dos esportes, considerado um meio de disciplinamento e controle. Estas práticas encontram-se tão presentes, que por si só parecem naturalmente explicar/justificar estas ações em nível de estado e organizações governamentais, assim como por empresas privadas, organizações não-governamentais e iniciativas individuais.

Com esta pesquisa busca-se pensar a relação destes PSE com a produção de políticas pública de esporte e lazer de uma cidade, tomando a proliferação destes projetos como um acontecimento contemporâneo. Diante disto, viemos com este trabalho registrar os movimentos de pesquisa-escrita-pensamento no qual estamos implicados, expondo as ações que levaram a escolha da cartografia rizomática como estratégia de investigação, como operamos e os movimentos de pesquisa que assumimos para pensar e problematizar os PSE. No processo de cartografar produzimos linhas de intensidade, que se caracteriza pelas relações que construímos e estão sendo trabalhadas através do que chamamos de ações de ensaiar, ou seja, buscamos demonstrar como se deu esse movimento de identificar e construir essas linhas de intensidade.

#### A cartografia *rizomática* e os movimentos de pesquisa nos PSE.

[...] como qualquer outra cartografia, seja qual for seu tempo e seu lugar, trata-se aqui da invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para fora dos território sem saída (GUATARRI e ROLNIK, 2005, p.18).

<sup>1</sup> O nome dos PSE em funcionamento na cidade do Rio Grande – RS identificados e tomados pela operação cartográfica são: “Segundo Tempo” (SMTEL/PMRG), “Bairros em movimento” (SMTEL/PMRG), “Verão Cassino” (SMTEL/PMRG), “Punhos da Esperança”, “Semear”, “Núcleo Jovem do Esporte”, “Futsal”, “Basquete de Rua”, “Semente Olímpica - Investimento Social”, “Siri Patola”, “Mais Educação” (SMEC/PMRG), “Atleta do Futuro” (SESI), “Rio Grande rumo as olimpíadas” (SCRG), “Praticando Esporte e Estudando” (SCRG), “Campeões Olímpicos e campeões na vida” (SCRG), “Você pode ser um campeão olímpico de vôlei” (SCRG), “Educando pelo esporte” (SCRG), “Fertilizando Talentos” (YARA do BRASIL), “Formando Craques” (QUIP), “Craque cidadão”, “Pró-Jovem” (SMEC/PMRG), “Retrato Falado”, “Hip-Hop: Ser em Movimento” (ESCOLA ASSIS BRASIL), “Integração” (SMECPMRG), “Segundo Tempo” (IF-RS), “Elos de Amor”.



Fundada na teoria da multiplicidade de Deleuze e Guattari (1995), a cartografia *rizomática* está para além de um percurso preestabelecido, de um procedimento metodológico que define o ato de pesquisar. Mais que isso, ela é uma forma de pensar. Uma maneira de olhar para o funcionamento dos nossos objetos de pesquisa, observando-os em movimento. Nesse sentido, cartografar é construir, é produzir conexões a partir da heterogeneidade que nos cerca, é seguir e deixar pistas num constante mapear de subjetividades.

Mas, para entender melhor a escolha pela cartografia *rizomática* – enquanto operação de pesquisa no mapeamento dos PSE na Cidade do Rio Grande – esboçaremos uma breve explicação sobre o que consiste o pensamento *rizomático*. Podemos dizer que ao utilizar a metáfora do *rizoma*, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, caracterizam uma teoria que se opõe à noção de essência, da lei do uno, que orientam nossa maneira de pensar desde a antiguidade grega (FERREIRA, 2008). Teoria essa, que se apóia na construção de um pensamento moderno, no qual a recusa do que é imperfeito frente à filosofia da essência, da dialética, do dualismo, do desvelamento da verdade, perde espaço para verdades construídas por um saber que é científico. Dentro da metáfora utilizada pelos filósofos, o *rizoma* caracteriza o “aborto da raiz principal” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.14).

Se existe uma maneira de descrever a estrutura *rizomática* didaticamente, é pertinente começarmos pela noção de agenciamento. É partindo do abandono de definições e conceitos preestabelecidos que os fundadores da teoria da multiplicidade apontam o primeiro e o segundo, dos seis princípios que caracterizam essa estrutura: conexão e heterogeneidade. Assim, pontos heterogêneos se conectam, formam agenciamentos, um emaranhado de linhas, feixes de luz, que se conectam e se rompem constantemente formando subjetividades, modos de pensar e viver. Na tentativa de estabelecer aproximações com nossos movimentos de pesquisa acerca dos PSE, são esses dois princípios que nos permitem construir agenciamentos que não se limitam a elementos da mesma natureza. Ao pensar o *rizoma* enquanto nosso solo metodológico, operar com esses dois princípios nos abre possibilidades de observar os PSE na multiplicidade que os cerca, ou seja, entre inúmeras possibilidades, relacionamos a localização geográfica e social dos PSE às características do público que eles visam atender; encontramos diferentes iniciativas de intervenção social ligadas ao esporte; percebemos a potencialização da produção de uma determinada camada da população: os vulneráveis; enfim, transformamos pontos em linhas de intensidades.

Produzir conexões, criar linhas de intensidade, implica em novos movimentos, ou melhor, no que reconhecemos por terceiro e quarto princípios desta forma de pensar: multiplicidade e ruptura a-significante. Multiplicidades são as linhas que deixaram de ser pontos em função das relações que construímos em torno do nosso objeto. Nesse sentido, a vulnerabilidade, as iniciativas dos proponentes, o trato com os esportes, as relações de gênero que se constituem, são algumas das linhas que compõem a multiplicidade do PSE. Proporcionar esses agenciamentos é nossa função. Devemos reconhecer e perseguir as multiplicidades que constituem os PSE. Por outro lado, o *rizoma* não é apenas construção, é, também, desconstrução. O processo de territorialização constante dos agenciamentos pode ser rompido a qualquer momento e em qualquer lugar por desterritorialização. Os feixes de luz se apagam com a mesma facilidade com a qual acendem, bem como, podem se reacender a qualquer instante. Então chegamos ao quarto princípio. A ruptura a-significante se faz presente em nosso fazer cartográfico em muitos momentos. Partimos de pontos geográficos, localização física dos PSE, sabendo que iríamos abandoná-los – enquanto ação do nosso empreendimento – em seguida, porém, não descartamos a possibilidade de retomá-los quando necessário.



Enfim, chegamos aos princípios finais (quinto e sexto), tomados pelos próprios autores por método: cartografia e decalcomania. Cartografia enquanto “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2006, p.23) e que, por sua vez, não se restringem a posições geográficas. Comportam componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária (GUATTARI e ROLNIK, 2005). A cartografia remete a um movimento constante, impossível demarcar seu começo e seu fim. E nós, na condição de cartógrafos damos apenas “língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2006, p.23). Devemos estar afinados com as intensidades do nosso tempo e possibilitar a visualização deste desenho que a priori não podemos fixar, apenas acompanhar por um exercício de atenção concentrada e, ao mesmo tempo, aberta (KASTRUP, 2007).

Em contrapartida, enquanto a cartografia não tem começo nem fim, operar uma pesquisa nos exige registros. Para isso decalcamos. É como Fotografar, emoldurar, recortar momentos fixando-os em mapas reproduzíveis. Importante destacar que cartografar não é produzir decalques, mas nos arriscamos dizer que é impossível pesquisar nesta perspectiva sem considerar este princípio: “é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22). Nesse sentido, assumimos a pesquisa enquanto decalque, começamos fixando os PSE em suas posições geográficas; mapeamos suas localizações sociais; produzimos linhas e as congelamos em ensaios. Em suma, as linhas de intensidade que construímos através da operação de um pensamento rizomático sobre os PSE são apenas decalques. A atitude de pesquisar, a inquietação que nos move diante da rede de possibilidades que envolvem os PSE, é cartografia.

Ao definirmos nossos movimentos de pesquisa, tomamos a cartografia *rizomática* como “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010, p. 10). Atitude que implicou em seguir pistas, - não apenas deixadas pelas fundações dessa filosofia da multiplicidade - mas, também visitar as experiências daqueles que já vivenciaram o fazer cartográfico<sup>2</sup>. Contudo, não podemos dizer que aprendemos uma forma correta de cartografar, corroboramos a ideia de que atingir esse objetivo é um exercício permanente. Enfim, só se faz cartografia, cartografando.

### Linhas produzidas a partir do mapeamento

Na tentativa de escapar de possíveis abstracionismos da cartografia *rizomática*, passamos do exercício de pensamento para o exercício da escrita. Assumimos as linhas que produzimos acerca dos PSE enquanto ensaios, textos que construímos a partir das ligações dos pontos que identificamos através do mapeamento. A partir do momento em que fixamos os PSE em pontos geográficos e entramos em contato com seus documentos, percebemos o surgimento de inúmeras possibilidades de construção de outros mapas. Encontramos outros pontos, não mais referentes à localização, e construímos linhas, que descrevem a relação desses PSE com diversas temáticas estabelecendo desta maneira um deslocamento de plano – do território para as territorializações. Assim, podemos enumerar e descrever rapidamente as linhas construídas que chegaram a um valor total de sete e que será apresentado na continuação do texto abaixo:

<sup>2</sup> Nos referimos às obras *Cartografias e devires: a construção do presente* (FONSECA e KIRST, 2003) e *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010).



1. O termo vulnerabilidade social é uma expressão moderna que tem sido motivo de debates nos mais diversos campos educacionais, esse debate se dá, devido à dificuldade encontrada para caracterizar tal expressão, uma vez que ela perpassa em múltiplos contextos se sustentando de forma não questionada. Esse termo teve passagens pela questão da advocacia internacional, posteriormente, atravessou o campo da saúde tentando denominar pessoas suscetíveis ao vírus HIV/AIDS até chegar aos campos de políticas públicas e se encontrar atualmente tentando caracterizar o público dos PSE nessa cidade e no País. O discurso da vulnerabilidade social ganha sustentação dentro dos PSE através da união com o termo “ocupação de tempo ocioso” e “risco social<sup>3</sup>”. Nesse sentido, cabe nos questionar: como se constitui um sujeito vulnerável na visão de proponente e executores de PSE? Como o discurso humanista de combater a vulnerabilidade com o esporte se sustenta sem nenhum questionamento? Essas interrogações tornaram-se um tema intrigante dentro de nossa pesquisa, fato esse que nos levou a problematizar essa linha em forma de ensaio.

2. Não é de se estranhar que o esporte é a condição para que um Projeto Social se reconheça esportivo. Mas, que esporte, ou melhor, que tipo de esporte é este que delimita e denomina os PSE? Qual sua importância diante dos problemas que essas iniciativas visam intervir? Sabemos que, de acordo com o Documento Final da 1ª Conferência Nacional do Esporte está registrada a classificação na legislação (Lei nº 9.615/98) que reconhece o esporte através das seguintes manifestações: Esporte educacional, Esporte de participação e Esporte de rendimento. Ao considerar o esporte em sua diversidade e olhar para o trato, o cuidado e a dedicação com os quais os PSE o desenvolvem, alguns questionamentos vêm à tona: Como o esporte pode agir como ferramenta para manutenção da sociedade? Quais são os limites existentes entre o esporte e a demanda da população alvo dos PSE. Pensando nessas possibilidades e abertos para outros olhares, nos propomos a ensaiar, também, sobre a relação que liga o esporte aos Projetos Sociais.

3. A partir da constatação que a maioria dos PSE analisados optou pelo futebol como modalidade a ser trabalhada, algumas questões passaram a interpelar nossas reflexões. A construção desta linha deu-se de modo a problematizar questões como as consequências da escolha desta modalidade, o papel que desempenha dentro dos objetivos de inclusão, presente na maioria dos projetos, sua compatibilidade com o local e os sujeitos a quem se destina a produção de relações de poder, assim como de gênero, entre muitas outras que podem, muitas vezes, passar despercebidas pelos que voltam seu olhar para os PSE. Portanto, esta linha objetiva lançar luz sobre fatos pouco pensados dentro deste tema, analisando as formas como o futebol está inserido e de que forma contribui para os objetivos expostos nestes projetos.

4. O Terceiro Setor, constituído por iniciativas individuais, empresariais e ONG's, se apresenta de forma bastante expressiva na proposição e execução dos PSE, sendo abordado então como tema dentro da pesquisa. Alguns dados dão conta de que, 59% das empresas do país desenvolvem ações sociais, sendo que 62% dessas entidades se propõem a trabalhar com o universo infantil (TACHIZAWA, 2007). Essa co-responsabilidade assumida pelo Terceiro Setor está voltada na maior parte para os menores e tendem a diagnosticar e prever um possível desvio do que é esperado de um membro do corpo social, tendo portanto um caráter de controle e um desejo de norma. Este Setor é visto como capaz de suprir as lacunas da assistência social existentes no atual modo de organização produtiva. Isso porque o

<sup>3</sup> O conceito de risco, intensamente desenvolvido pela epidemiologia a partir dos anos 50 do século XX, conformou-se como um instrumento de quantificação das possibilidades de adoecimento de indivíduos ou populações, a partir da identificação de “associações entre eventos ou condições patológicas e outros eventos e condições não patológicas, causalmente relacionáveis” (MEYER et al, 2006).



Primeiro Setor, o Estado, não tem conseguido dar conta das demandas sociais, supostamente pela sua ineficiência; já o Segundo Setor, correspondente às iniciativas privadas, visa prioritariamente o lucro. Essas organizações sociais (ONGs, OSCIPs e outras) estabelecem como um dos principais argumentos para o funcionamento dessas entidades, o fato de que estas trabalham por um “bem comum”, sem fins lucrativos. Esse “bem comum”, nos PSE, comumente é associado à garantia de acesso ao esporte, ao lazer ou a uma educação complementar. Assim, questionamos se seria possível pensar estas movimentações como capazes de cumprir com as missões que se propõem? E, diante da proliferação dos PSE propostos por diferentes iniciativas, exercitamos suspeitar ainda: como e quem propõe o que poderia vir a constituir uma política pública de esporte na cidade do Rio Grande, associado a este tema?

5. As questões de gênero perpassam os PSE, sejam essas direta ou indiretamente acionadas. Tais relações, então, se fazem passar, na maioria das vezes, despercebidas pelos sujeitos e, diante disto, estabelecem formas de agir e de ser. Condutas, valores e juízos morais são construídos e previamente estabelecidos, condicionando o que é certo ou errado, características que cabem a este e não aquele indivíduo. Neste sentido, inquietações foram insurgindo, e assim, formulamos perguntas como: as relações de gênero vêm sendo percebidas e/ou produzida pelos professores e/ou alunos que atuam nos projetos? De que maneira vem sendo pensadas/trabalhadas/problematizadas essas relações pelos docentes e discentes? Normas e condutas socialmente definidas, segundo essas relações de gênero, que perpassam os projetos, podem constituir modos de ser dos sujeitos? Tais perguntas estão relacionadas com uma atitude de desconfiança perante estas relações que parecem ser tão aceitas e óbvias, mas que incidem na produção de masculinidades e feminilidades e que vem sendo construídas nos PSE.

6. Como os proponentes e executores de PSE identificam indivíduos como vulneráveis? Pensamos que poderíamos visualizar respostas a esta pergunta através da análise da forma como são divulgados os projetos, inscritos e selecionados os participantes. Durante essas análises ficou constatado que a vulnerabilidade tão argumentada nos projetos é uma condição que é construída a partir de fatores econômicos e financeiros das pessoas, público dos projetos, como também são considerados vulneráveis crianças e adolescentes que não se encaixam ou não aceitam as normas e padrões estipulados pela escola ou pela sociedade e o mais. Dessa forma, as fichas e cadastros têm a função de informar sobre aqueles que são considerados vulneráveis, e mais do que isto são mecanismos, instrumentos que permitem que se conheça o vulnerável.

7. Os PSE esportivos parecem ser recebidos pela sociedade como algo necessário e bom. A partir disso, parece ser impossível desconfiar desta “necessidade”, ou seja, da maneira como se proliferam estes projetos. Tomando-os assim, apressadamente, pode-se pensar que eles atendem uma demanda do público que estes tomam por alvo. Então, problematizar esta “necessidade” passa inicialmente por se permitir pensar se estes projetos são necessários a partir da seguinte interrogação: Quem necessita de projetos sociais esportivos? Nesta pergunta estão implicados tanto a suspeita sobre quem estabelece tal demanda, quanto em relação ao esporte como necessidade. Um dos caminhos para pensar tal problematização está em tomar a proliferação destes projetos como contingentes e desta maneira desconfiar de seu caráter “necessário”.

8. O tema inclusão social tem sido recorrente no debate acerca dos problemas sociais em que vive a população brasileira. Tomá-lo como algo a ser perseguido, como objetivo, tarefa, missão dos PSE é algo, também, bastante corriqueiro. Dito desta maneira parece não existir dúvida sobre a capacidade destes projetos alcançarem tal objetivo. Pela complexidade de um tema como este, pela capacidade de mobilização que este produz nos indivíduos e pela recorrência com que se lança mão dos discursos a ele



relacionados, nos permitimos problematizar esta implicação estreita que vem sendo produzida entre ações como os PSE e as promessas de inclusão que operam de diferentes maneiras, seja através da formulação de objetivos nos documentos dos projetos, seja pela expectativa que se formou em função de promessas deste tipo. Permitir-se suspeitar do “poder de inclusão” dos PSE não é uma tarefa fácil, pois este tipo de atitude pode ser canalizada para a ideia de negação destes projetos e da própria intenção de incluir os excluídos e não é disto que queremos tratar. Portanto, produzir novos questionamentos, dirigi-los ao tema da inclusão social, é uma tarefa que assumimos como produtora de diferentes significados na sua relação com os PSE.

### Ensaiar: pensar e escrever sobre as linhas

Nas discussões que se desenvolveram, em torno do que fazer com as linhas que a cartografia nos mostrou, nos deparamos com a situação de pensar e escrever estas linhas de maneira que não fossem levados de volta as grandes explicações que já estão colocadas, nas quais o Estado e a sociedade civil protagonizam as possibilidades explicativas. Não que se tome por equivocadas ou errôneas tais explicações e análises, mas com certeza não necessitaríamos ousar uma “outra” operação de investigação –a cartografia– se aceitássemos essas possibilidades como satisfatórias. Neste sentido, a decisão de cartografar os projetos sociais esportivos na cidade produziu mais do que os efeitos esperados de uma operação cartográfica. Além da busca pelas linhas, nós, pontos; além da perseguição do inusitado; além de tentar uma “outra” atitude na operação de mapeamento, visando alcançar uma “outra” maneira de pensar estes projetos, constatamos, a dependência de uma “outra” maneira de escrever.

Deleuze (1988), nomeou Foucault: “cartógrafo”. Foucault (1984, p. 13), se autoqualificou: ensaísta. Larrosa (2004) indica quatro operações de Foucault sobre o ensaio. Mas não foram estas pistas que nos conduziu da cartografia ao ensaio. O ensaio foi algo que descobrimos ao cartografar e, quando descobrimos isto, então, descobrimos que já ensaiávamos. Neste momento, podemos dizer, que se deu a “formalização”, em termos de método, de uma maneira de tratar as linhas que a cartografia construiu. Então, encontramos as pistas que já estavam lá, quase a nossa espera. Trata-se, especialmente, de um texto de Jorge Larrosa intitulado *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. Neste texto o autor apresenta como tema “ver de que maneira Foucault inventa o ensaio” e podemos então visualizar, formalizar através de suas palavras o que podíamos fazer com nossa pesquisa, desde elementos que caracterizam o típico “ensaio moderno”, até aquelas possibilidades que nos foram demonstradas por Michel Foucault em seus ensaios. Em relação aos primeiros, Larrosa (2004, p. 41) afirma:

No ensaio moderno, precisamente por sua vontade de autoria, o estilo expressa, ao mesmo tempo, a experiência de um sujeito e a construção de um mundo. No ensaio moderno, o estilo é o homem, ou o autor, ou o sujeito. O estilo é a marca da subjetividade na linguagem. E na verdade. Mas na obra de Foucault trata-se de outra coisa.

Nesta sentido, Larrosa (2004) problematiza o ensaio moderno identificando, para os “leitores de Foucault”, quatro operações deste sobre o ensaio. Primeira operação – sobre a realidade: “pensar o presente do ponto de vista de sua des-realização.”(p. 36); segunda operação – sobre a experiência: “pensar o sujeito, essa primeira pessoa do singular que pensa, que escreve e que vive, do ponto de vista de sua transformação.” (P. 38); terceira operação – sobre o distanciamento da crítica: “pensar a crítica, ou a meditação, ou o pensamento, como um exercício de liberdade, como um exercício mais afirmativo do que



negativo, mais criativo do que militante, mais de exposição do que de oposição” (P. 39); e, quarta operação – sobre a escrita: “Agora já sabemos que pensar de outro modo exige escrever de outro modo, que nossa vontade de um outro pensamento é inseparável de nossa vontade de outra escrita, de uma outra língua.” (P. 41)

Constatamos então, que já ensaiávamos antes, enquanto “tocávamos” nossa operação cartográfica, não por que uma ação leve inevitavelmente a outra, mas por que desde o início buscávamos “outros” modos de pensar e escrever. Se vimos na cartografia social possibilidades de experimentar outra atitude de pesquisa, vimos em outro momento, no ensaio, possibilidades de dar consequência a esta atitude. Enfim, outra constatação, digamos, do mesmo nível que indicamos mais acima quando nos referimos à cartografia: só se ensaia, ensaiando.

### Considerações finais

O caminho foi este, das linhas construídas pela cartografia retiramos temas para ensaiar. A isto nos dedicamos neste momento, ensaiar sobre o que foi extraído dos PSE, lá onde ainda eram projetos, planificações, mas já eram funcionamentos. Com isto queremos dizer que nos documentos (registros) destes projetos estão delineados os modos de funcionamento; as escolhas de público a ser atingido; as relações pensadas entre esporte como meio, como veículo, e os objetivos que cada projeto visa atingir; os modos como se estabelecem os papéis a serem cumpridos por meninos e meninas nestes funcionamentos; o espaço que estes projetos ocupam, entre educação formal e não-formal e Terceiro setor; enfim enumeras linhas de intensidade (cartográficas) e temas para ensaiar.

Na relação entre o acontecimento da proliferação dos projetos sociais esportivos e a formulação de uma política pública municipal de esporte e lazer, está nosso interesse. A constatação de que se encontram implicados projetos e políticas, nos faz pensar e escrever com o objetivo de subsidiar as discussões que são necessárias em torno da formulação de políticas públicas. Neste sentido, não são de respostas que tratamos, mas, de interrogações que visam problematizar os temas que temos nas mãos para ensaiar. Tomamos as interrogações como o combustível da cartografia. Enquanto nos sentirmos incomodados, o desenho continuará a ser produzido, novas linhas serão criadas. Somos movidos por suspeitas, é no ato de duvidar daquilo que é tido como natural para os PSE que damos andamento a nossa pesquisa.

### Referências

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática In: A. J. Esteves, *A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento*. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989, PP. 81-86.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.



**IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE**

FERREIRA, F. *Rizoma: um método para as redes?* Liinc em Revista, v.4, n.1, Março 2008. Rio de Janeiro, p.28-40. Disponível em < <http://www.ibict.br/liinc> >. Acesso em 20 de Abr. de 2011.

FONSECA, T.; KIRST, P. (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

KASTRUP, V. *O funcionamento da atenção no trabalho cartográfico*. Psicologia e Sociedade, v.19, n. 1, p.15-22, jan/abr. 2007

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2004. V. 29, n. 1, p. 27-44.

MEYER, Dagmar E. Estermann et al . "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.22, n.6, Junho de 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010211X2006000600022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010211X2006000600022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 Abr. 2011.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2006.

TACHIZAWA, Takeshy. *Organizações não governamentais e terceiro setor: criação de ONGs e estratégias de atuação*. 3ed., São Paulo, 2007.

Endereço:

General Abreu, 157

Cidade Nova – Rio Grande – RS

96211-100

[felipao.rg@hotmail.com](mailto:felipao.rg@hotmail.com)

Recurso tecnológico: Mutimídia